

O VELHO E O NOVO NA GEOLINGUÍSTICA¹

Harald Thun²

Tradução: Cláudia Fernanda Pavan³; Gabriel Schmitt; Eduardo Gonçalves Nunes; Viktorya Pitsch Zalewski dos Santos⁴

Revisão: Cléo Vilson Altenhofen⁵

0. Homenagem e objetivo

Horst Geckeler é um mestre da síntese. Seja sobre o desenvolvimento da Teoria do Campo Semântico, seja sobre o saber que um estudante de linguística italiana, espanhola ou francesa necessita ou ainda sobre a questão da romanidade do inglês⁶ – encontra-se em sua obra o mais equilibrado julgamento, a mais simpática interpretação, a mais amigável admoestação e as mais claras linhas. Quero ousar seguir seus passos e resumir, em algumas páginas, o que a geolinguística moderna pode herdar da mais velha e o que deve fazer diferente. Contudo, não pretendo produzir nenhuma documentação exaustiva, mas sim um esboço de reflexões.

A partir de seu objeto de estudo, a variação na língua de grandes grupos, pode-se dividir o desenvolvimento da geolinguística, de forma simplificada, em quatro fases: uma fase histórica anterior, que durou pouco mais de um século; uma fase da geolinguística monodimensional, que também durou cerca de um século; uma fase da geolinguística pluridimensional, que, há algumas décadas, corre paralelamente às fases anteriores; e, por fim, uma fase da geolinguística das redes de comunicação complexas, que recém está dando seus primeiros passos.

1. A história paralela das heranças

A ideia elementar de registrar outras informações além das informações geofísicas em um mapa não é nova nem foi desenvolvida pela geolinguística. Até hoje, paralelamente às quatro fases já citadas, utiliza-se, na geolinguística, a herança de ideias e técnicas

¹ Traduzido com a permissão do autor para a publicação nos Cadernos de Tradução do IL, a partir do texto em alemão THUN, Harald. "Altes und Neues in der Sprachgeographie". In: DIETRICH, W.; HOINKES, U. *Romanistica se movet...: Festgabe für Horst Geckeler zu seinem 65. Geburtstag*. Münster: Nodus-Publ., 2000.

² Professor Doutor da Universidade de Kiel, na Alemanha.

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras, UFRGS.

⁴ Graduandos em Letras Alemão, UFRGS.

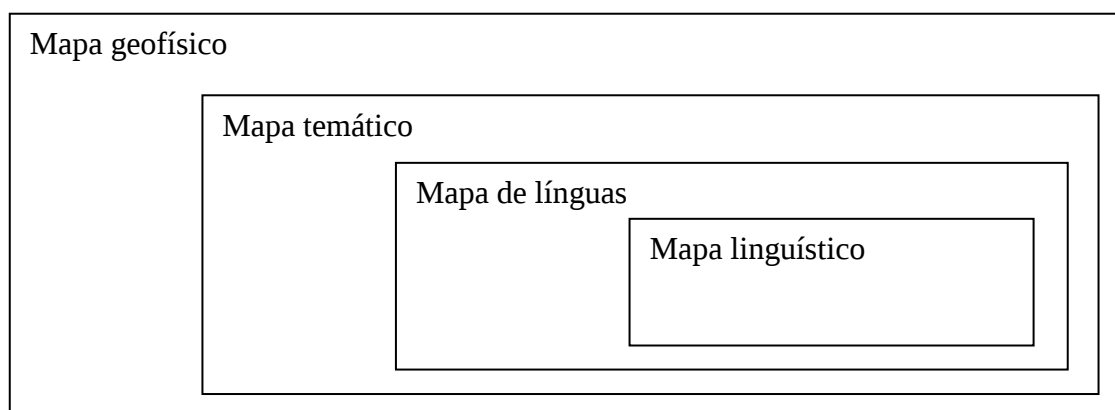
⁵ Professor do Instituto de Letras, UFRGS.

⁶ Seu artigo *Britanien zwischen 'Romania perduta' und 'Romani nuova'* será publicado em breve (GECKELER, no prelo).

desenvolvidas em outros lugares. Nesse sentido, muito do que foi introduzido como sendo novo na geolinguística já está bastante defasado ou é realmente antigo na história científica.

Mapas⁷ que expõem conteúdo linguístico pertencem aos chamados *mapas temáticos* ou *técnicos*. Segundo uma observação cronológica, tendo em vista o vasto volume de representações, os *mapas de línguas* precedem os *mapas linguísticos*.⁸ É importante diferenciar claramente os dois tipos.

Enquanto o primeiro reflete a difusão das línguas, o último representa a difusão de formas linguísticas específicas. Para o mapa linguístico, utiliza-se geralmente uma forma simplificada do mapa geofísico comum. Através do registro de formas linguísticas, forma-se o mapa temático. Como a configuração geofísica, mesmo que de forma bastante abstrata, está sempre presente, aplica-se o seguinte esquema:



O mapa linguístico se insere tardiamente na história da cartografia temática.⁹ O mapa de línguas, ao contrário, é antigo. Já há muito tempo, em parte há séculos, existiram os mais variados tipos de mapas temáticos, mas só no final do século XIX surgiu o primeiro mapa linguístico. Os mapas temáticos se originam de mapas históricos autônomos, que Abraham Ortelius, a partir de 1579, associa ao seu *Theatrum Orbis Terrarum*, e de mapas de rotas do correio, que surgem também nesse período, por volta da segunda metade do século XVI. Desde o início do século XVIII, existem mapas meteorológicos e os populares mapas de batalha, que tinham a função de dar conta do problema da representação de movimentos. A partir da segunda metade do mesmo século, inicia-se o mapeamento da difusão de produtos econômicos e, a partir do começo do século XIX, são cartografados os mais diversos temas, de interesse da Ciência, da Economia, da Igreja, do Estado, da

⁷ N.T. e Rev.: Apesar da distinção corrente entre as noções de *carta* e *mapa*, optamos pelo uso generalizado do termo *mapa*, para evitar ambiguidade e ser de entendimento mais fácil para leitores de diferentes áreas.

⁸ Terminologicamente seria melhor o termo *mapa de fenômenos linguísticos*, mas este seria muito prolixo.

⁹ Possivelmente, por isso, eles não são mencionados na apresentação geral sistemática de Wilhelmy (1966) e na apresentação geral histórica de Wolff (1995).

Administração e da Burguesia. Contudo, é preciso esperar até o final do século XIX para o surgimento dos mapas linguísticos.

Também os formatos que a geolinguística adota para dividir sua área de estudo já haviam sido definidos anteriormente pela geofísica e pela cartografia temática. Desde o início, existem os macromapas e macroatlas, isto é, mapas globais e continentais, mapas de regiões e de países específicos, que são modelos para os atlas nacionais e supranacionais e para os atlas microlinguísticos.

Até mesmo o repertório de sinais que a geolinguística utiliza foi inteiramente retirado da geofísica e das áreas vizinhas à cartografia temática. Os nomes geográficos são padrinhos das formas linguísticas nos chamados mapas ponto-analíticos. A icônica estilização utilizada para cidades, burgos, igrejas e etc. nos primeiros mapas geográficos fornece os modelos para os chamados mapas de símbolos da geolinguística. As isolinhas (isógonos – linhas magnéticas), que Edmund Halley desenhou em 1701 em Londres, e as isotermas, de A. von Humboldt, são modelos de linhas com os quais as áreas de expansão de formas linguísticas são inscritas em mapas geolinguísticos e que, desde Johann Gottfried August Bielenstein (1892), são chamadas de isoglossas. É possível visualizar uma pré-forma dos conhecidos mapas de polígonos da moderna geolinguística no esquema de mapas meteorológicos, de 1822, de L. F. Richardson, que dispõem uma rede quadriculada em formato de tabuleiro de xadrez sobre a Europa Setentrional e Ocidental, e sobre a qual estão inscritas unidades de observação.¹⁰ O processo dos polígonos retangulares desuniformes, introduzido pelo *Atlas Linguistique et Ethnographique de la Gascogne* (ALG)¹¹, ampliado por Hans Goebel e adotado pelo nosso *Atlas Lingüístico del Uruguay*, origina-se da Matemática (“Polígono de Thiessen”) e leva em conta, de forma mais adequada do que o sistema de grade, a distância desigual entre os pontos de pesquisa.

O mapa de línguas antecede muito o mapa linguístico. É um dos primeiros mapas temáticos, embora até pouco antes do século XIX ainda não se concentrasse no tema linguístico. Um mapa de línguas – associado por muito tempo aos mapas de populações (*Völkerkarte*) – é o mais antigo mapa impresso do hemisfério oeste, encontrado na edição de Augsburg da *Etymologiae*, de Isidorus von Sevilla, do ano de 1472. Se, nesse assim chamado *Mapa T em O*, cada um dos filhos de Noé ocupa uma área específica – Sem, a Ásia; Jafé, a Europa; e Cam, a África –, tem-se, conforme uma concepção medieval e pré-moderna, em função dos descendentes nela subentendidos, simultaneamente um mapa de população e de línguas.

¹⁰ (Imagem da capa) Cf. Körber, 1987, p. 199.

¹¹ Cf. Séguy (1973).

2. Primeira fase: dos mapas de línguas aos mapas linguísticos (origens)

Ao final do século XVIII, o mapa linguístico começa a se desligar lentamente e ainda sem um contraste muito definido do mapa de línguas. Ao mesmo tempo, tenta-se estabelecer, com mais exatidão, as fronteiras das línguas para os mapas linguísticos.¹²

Quem foi o primeiro a pensar em mapas linguísticos – e não em mapas de línguas – não está claro. Não parece ter sido G. W. Leibniz.¹³

Contudo, uma das primeiras aparições – talvez a primeira – de um mapa linguístico pode ser encontrada no primeiro dos cinco volumes que tratam das línguas da sua *Idea dell'Universo*, de Hervás, 1784. Nessa obra, Hervás desenvolve a ideia de uma “*carta glotto-grafica*” como continuação e aperfeiçoamento de sua descrição das línguas, em um texto contínuo:

599. L'Idée, quantunque poco esatta, che delle lingue si da in quest'Opera, potrà servire per mettere sotto la vista la discendenza, correlazione, e diversità delle nazioni in una carta geografica, che chiameremo piuttosto **glotto-grafica**: ed essa riuscirà perfetta, allorchè si abbia cura di raccogliere, e stampare elementi, e dizionarij di tutte le lingue conosciute [...] (HERVÁS Y PANDURO, 1784, p. 259).

Com “*elementi*”, ele se refere aos componentes da gramática, e “*dizionarij*” não faz menção aos dicionários, mas sim ao inventário de palavras da língua.¹⁴

¹² Os mapas de línguas são característicos de regiões ou períodos pouco conhecidos. Tais mapas foram confeccionados em grande quantidade pelos jesuítas na América do Sul, por exemplo.

¹³ Coseriu não descarta o pioneirismo de Leibniz, quando escreve em 1954: “Já Leibniz – que por tantas razões merece um lugar de destaque na história da linguística – havia pensado na confecção de mapas linguístico-etnográficos” (1977, p. 115). Coseriu encontra-se, aqui, no final de uma sequência de citações que, a propósito, tem um início desconhecido. Ele faz referência a Schwyzer (s.l. e s.d.); talvez a edição também utilizada por mim (1939, p. 1-17). Schwyzer, contudo, cita Benfey (1869, p. 253) e, segundo ele, Leibniz reivindicava a criação de “mapas linguístico-etnográficos”. Benfey, entretanto, faz uma declaração mais precisa sobre Leibniz (1869, p. 253s.): “Ele já pensava em mapas **de línguas**” (grifos meus) e documenta isso com uma citação de “G. W. Leibnitii desiderata circa linguas populorum ad Dn. Podesta interpretem et professoren linguae turciae transmissa”, no qual Leibniz mostra claramente seu desejo por mapas **de línguas**: “Ego velim regiones dividi per linguas et has notari in cartis”. Benfey remete a “Leibniz, Opera, ed. Dutens VI, 2.301”. É aqui que começam os problemas: a consulta que Leibniz faz a Podesta aparece impressa nas páginas 228-30; a resposta de Podesta aparece nas páginas 230-231. A citação de Benfey não se encontra aí e, até onde vejo, em nenhum outro lugar. De onde Benfey poderia tê-la retirado? (A citação se encontra no v. 6.1, p. 302 = Leibniz, 1768c. – nota do editor).

¹⁴ Isso resulta da longa lista comparativa de palavras, organizada por Hervás (1785), no volume 18, com o objetivo de realizar uma comparação linguística. No segmento onde a palavra italiana inicia a lista, seguida

Certamente, Hervás não idealizou um único mapa para todas as línguas do mundo, representadas por um número suficiente de fenômenos linguísticos. Seu método consiste, sobretudo, em investigar as línguas dividindo-as em grupos. Assim, conclui-se que ele pensou nos mapas linguísticos não a nível global, mas sim a nível supranacional, como aparece no *Atlas Linguistique Roman*. Não é discutido se deveria haver um mapa para cada fenômeno linguístico.

Exatamente isso é proposto em *Vocabulaire rustique et populaire du Jura*, de 1823, no qual o autor Désiré Monnier sugere pensar numa linha de separação semelhante a uma isoglossa:

on pourrait, d'une manière assez précise, marquer sur une carte géographique l'étendue du pays où domine l' *a*, celle où la plupart des mots ont leur dèsinence en *o*, celle où l'*an* se change en *in*; celle enfin où la même syllabe se prononce *on*. (MONNIER, 1823 apud POP, 1950, p. 252).

Com isso, surgiu a ideia do mapa linguístico fonético, baseada, aparentemente, nos mapas de relevo.

Essa ideia só foi executada – independentemente da influência de Monnier – duas gerações depois. Entretanto, no trabalho pioneiro de J. A. Schmeller, *Die Mundarten Bayerns* (“Os dialetos da Baviera”, Munique, 1821), já surge, com o mapa em anexo, um mapa linguístico potencial. Por conta dos caracteres inscritos, que se referem ao dialeto bávaro, o mapa ainda é considerado um mapa de línguas. Contudo, ao se substituir cada um desses caracteres pelas formas da lista, na qual Schmeller traz seus dados de pesquisa, tem-se um mapa linguístico.

O novo, portanto, já foi pensado e também possível na fase de origem da geolinguística. Apenas ainda não se realizou.

Nesse período, os mapas de língua se desenvolveram mais do que os mapas linguísticos. Mapas de língua específicos e precisos como um tipo novo de mapa temático, nos quais se verifica a igualdade “cada povo = uma língua” e onde a distribuição da língua no espaço é o principal objetivo, não parecem ter surgido antes de 1820.¹⁵ É quando a

pelas correspondências em outras línguas (cf. 1785, p. 43s.), pode-se visualizar uma forma embrionária dos questionários semasiológicos.

¹⁵ É notável como as primeiras perspectivas gerais da România se originaram sem a menor consideração por mapas. Carl Ludwig Fernow, autor da primeira dialetologia da área de línguas românicas, depois de Dante, não faz nenhuma menção à representação cartográfica nem em seu eminente trabalho *Über die Mundarten der italienischen Sprache* (1808, p. 211-245), nem em seus outros numerosos escritos sobre estudos linguísticos. O mesmo vale, até onde sei, para seu contemporâneo e colega, extremamente produtivo, Carlo Denina, cf. H. Thun (2000).

situação muda. Em 1821, o Barão Charles-Etienne Coquebert de Montbreton, da Academia Celta em Paris, apresenta um mapa,

dont il est l'auteur, délimitant les jargons ou patois qui sont parlés en France [...] et] pour connaître les limites des langues étrangères qui sont parlées dans quelques départements. (COQUEBERT DE MONTBRETON, 1821 apud POP, 1950, p. 18).¹⁶

Pouco depois, foi impresso também em Paris o primeiro mapa especializado de línguas: J. Klaproth (1823), *Asia Polyglotta*. O *Atlas ethnographique du globe et classification des peuples anciens et modernes d'après leurs langues*, de A. Balbi (1826), não apresenta nenhum mapa, contrariando a expectativa que o nome “atlas” desperta. Contudo, Balbi dissocia as antigas igualdades implícitas nos mapas de populações e de línguas e reúne, então, o conjunto de dados de ambos novamente. Com isso, desenvolve-se uma relação entre etnografia e estudo de línguas. Porém, são considerados apenas povos e línguas em relação a si mesmos e não fatos etnográficos ou fenômenos linguísticos individuais. Isso vai acontecer somente na segunda fase do desenvolvimento da geolinguística.

Na Alemanha, o geógrafo Heinrich Berghaus, com um material melhor do que o do muito criticado Balbi, dá sequência a essa tradição no volume 8 (“*Ethnographie*”) de seu *Physikalischen Atlas*, Gotha (1845-48, 1. ed.). Um autêntico mapa de línguas encontra-se como anexo em *Die Romanische Sprachen in ihrem Verhältnisse zum Lateinischen. Nebst einer Karte des romanischen Sprachgebiets in Europa*, de A. Fuchs (1849). Esse mapa em cores¹⁷, que também sinaliza as fronteiras dos dialetos (inclusive dos não românicos como “alto-alemão (*Oberdeutsch*)” e “baixo-alemão (*Niederdeutsch*)”, é precursor direto dos mapas publicados em *Grundriß der Romanischen Philologie*, de G. Gröbers (Straßburg, 1888, 1. ed.), e dos mapas em *Lexikon der Romanistischen Linguistik*.

No que diz respeito à obtenção de dados linguísticos, é difícil identificar quem usou qual método primeiro. O certo é que, no primeiro período, o caminho ideal adotado nas fases seguintes – o registro oral direto feito com informantes sem conhecimentos científicos prévios – era a exceção. Schmeller parece ter ido por esse caminho, menos metódico quando comparado talvez a outros, como Denina, em sua terra natal, Piemonte.¹⁸

O fluxo de dados normalmente passava por intermediários, como colegas de sua respectiva área linguística (por exemplo, por intermédio de missionários jesuítas,

¹⁶ Reprodução parcial em Brunot (1967, p. 528-599).

¹⁷ Desenhado por “A. Fischer”. Em uma coleção de mapas de línguas, produzidos a partir de 1848, destacam-se as línguas e os conflitos de fronteira, na Europa Central, como os observados na fronteira alemã-dinamarquesa.

¹⁸ Cf. Thun (2000).

entrevistados por Hervás) ou outros “conhecedores da língua”.¹⁹ Além das versões do Pai Nosso, que cobriam geralmente áreas extensas²⁰, e da versão da parábola do filho pródigo (ou outros textos curtos, de conhecimento geral), inquiridas em áreas menores, tenta-se, desde cedo, aumentar a comparabilidade através de listas de palavras sistemáticas. Leibniz (1786c) cria, a partir de sua consulta ao intérprete Podesta, uma lista de palavras em latim organizada em diferentes domínios, como por exemplo “*Partes corporis. Corpus, caro, cutis*, e assim por diante”, que ele desejava ver traduzidas na língua do Reino Osmânico, adicionalmente às versões do Pai Nosso. Tanto o texto como a lista de palavras seguem o método semasiológico. Encontramos o procedimento onomasiológico na compilação de textos populares²¹ e, já bastante desenvolvido, nos livros folclóricos. Uma amostra disso é dada pelos questionários da *Académie celtique*, que estimulam a resposta desejada através da paráfrase, como mostram as seguintes perguntas:

Quelles sont les fêtes, les cérémonies, les pratiques superstitieuses qui ont lieu aux quatre principales époques de l’année, au solstice d’hiver, à l’équinoxe du printemps, au solstice de l’été, et à l’équinoxe d’automne.

Mas também se mostram semasiologicamente, em perguntas de escolha:

[...] observe-t-on l’usage du *jeudi des garçons* et du *jeudi des filles*?²²

Esse método estabelece as bases para as modernas perguntas de sugerência e de escolha múltipla (v. seção 4).

Se os métodos mais importantes dessa fase foram desenvolvidos, falta ainda pensar sobre qual área de aplicação seria mais adequada para cada método e, ainda, quando um método específico, devido à evidência de suas fraquezas, deveria ser substituído por outro. Tudo com o objetivo único de reunir o máximo possível de informações. Então, Klaproth cria, a partir de textos escritos e registros diretos, mas também a partir de sua própria pesquisa de campo²³ para o desenvolvimento de suas listas simplificadas, as “palavras para necessidades básicas” (ou seja, o vocabulário básico), como ele mesmo diz a Adelung. Klaproth confere grande importância à unificação da representação do material, quando não da modalidade de registro. Para isso, ele desenvolve seu próprio alfabeto fonético.

¹⁹ “*Deinde optarem [...] ab hominibus linguarum peritis dictionariola edi [...]*” (Leibniz para Jobus Ludolfus; Leibniz, 1786b, p. 89).

²⁰ E que se transformaram em coleções imensas, cf. Adelung (1806).

²¹ Que, como a coleção de Firminich (1846-54), são de difícil comparação.

²² *Mémoires de l’Académie celtique*, Paris (1808, p. 72 s.). Reimpressão em Van Gennepe (1998, p. 13).

²³ “Tive a oportunidade de elaborar a seguinte lista de palavras (curdas) na primavera de 1808 em Tiflis [...]. Eu as anotei a partir da fala de um homem chamado *Oannes ben Dawud*, nascido em *Musch*” (KLAPROTH, 1823, p. 76).

Assim como Schmeller, ele também quase não usa o recurso cartográfico; seu atlas linguístico anexado consiste de tabelas de palavras e apenas um único mapa de populações e de língua (não linguístico).²⁴

3. Segunda fase: os atlas linguísticos monodimensionais

Com os atlas linguísticos de Georg Wenker, Jules Gilliéron e Gustav Weigand tem início algo realmente novo. Para concretizar o objetivo explícito de um detalhado *atlas linguístico* e não um *atlas de línguas*, utilizou-se um catálogo de perguntas, aplicado numa rede de pontos de levantamento, seguindo sempre a mesma metodologia. Ao que tudo indica, partia-se sempre de meios semasiológicos ao se propor traduções a partir da língua *standard*, seja com frases inteiras, como as famosas ‘frases de Wenker’, seja com palavras isoladas, como, presumidamente, fez Weigand.²⁵ Wenker permanece adepto do Método por Correspondência. Weigand e Gilliéron passam a fazer anotações diretas através de um entrevistador que vai a campo. Apenas poucos se arriscam a desviar dessa nova metodologia²⁶, e geralmente não por convicção, mas devido às dificuldades materiais que se colocam frente aos registros diretos *in loco*. Até certo ponto, Weigand esboça textos etnográficos em seu programa auxiliar, mas ainda não os cartografa. Nesse sentido, ele mantém a antiga tradição de compilar, mas sem fundar um atlas baseado na via de mão dupla, linguística e etnográfica.²⁷ Wenker e Gilliéron, ao contrário, marcam o início dos atlas que tratam exclusivamente da língua falada, cuja tradição se estende até os dias de hoje. Já para a outra corrente principal, do atlas linguístico-etnográfico, o *Sprach- und Sachatlas Italiens und der Südschweiz*, de K. Jaberg e J. Jud (1928/40), oferece-nos um modelo válido até hoje.

Jules Gilliéron, com seu *Petit Atlas phonétique du Valais roman (sud du Rhône)*, Paris, 1880, é não apenas o primeiro²⁸ a publicar um verdadeiro atlas linguístico, mas, juntamente com o ALF (GILLIÉRON; EDMONT, 1902-10), é também o fundador dos atlas micro- e macroespaciais. Nos anos seguintes, vários atlas dedicam-se a esses dois campos de observação. Surgem macroatlas como o ALPI (NAVARRO TOMÁS, 1962) ou o ALE (ALINEI, 1983).

Com Gilliéron, começa a era da consciência metodológica aguçada, que caracteriza, até hoje, as pesquisas mais inovadoras na geolinguística. Ao mesmo tempo, Gilliéron abre

²⁴ A obra de Schmeller *Die Mundarten Bayerns grammatisch dargestellt* (1821) também conta com um único "pequeno mapa para visão geográfica geral deste dialeto", como já aparece no próprio título.

²⁵ Weigand oculta seus métodos. Pop (1950, p. 700) afirma com razão: "D'après mon expérience, je crois qu'il n'a pu travailler si rapidement qu'en faisant traduire *en patois* les mots de son questionnaire".

²⁶ Como, por exemplo, Rona (1959/1965).

²⁷ N.T. e Rev.: No sentido das práticas e tradições populares (al. *volkskundlich*).

²⁸ Somente um ano mais tarde, em 1881, são publicados seis mapas do *Sprachatlas von Nord- und Mitteleuropa*, de G. Wenker.

caminho para a geolinguística exclusivamente diatópica, de mão única. Com a superação dessa condição, inicia-se a terceira fase da geolinguística (v. seção 4).

É sabido que Gilliéron esclarecia seus métodos com termos da fotografia. Sua monumental obra geolinguística segue imediatamente à descoberta do rolo de filme e da câmera Kodak, feitas por Georg Eastman (1888). O filme e a câmera de Eastman tornaram possíveis, pela primeira vez, curtos tempos de exposição. Se, por um lado, a fotografia se torna universalmente acessível nesse momento, por outro, oferece à ciência novas possibilidades de imagens que, além de fiéis e populares, são facilmente reproduzíveis. Ainda que os mapas linguísticos tenham despontado com atraso no círculo dos mapas temáticos no fim do séc. XIX, através de sua relação com a fotografia, eles se tornaram representantes do que havia de mais moderno. A geolinguística desejava compartilhar do prestígio que a fotografia tinha junto às ciências naturais, contudo, Gilliéron sabe que a fotografia permite a manipulação desde o início do processo.²⁹ Por conseguinte, ele faz a associação metafórica entre geolinguística e fotografia com certa cautela. Mario Roques sintetizou o método do ALF e a dupla relação com a fotografia da seguinte maneira:

“enquête synchronique, sur des points multiples permettant d'établir des aires, témoignages fixés comme par une **photographie instantanée** de la pensée et de son expression **sans retouches**.”
(ROQUES, 1930 apud SEBOK, 1966, p. 66 – grifo meu).

É em *Notice servant à l'intelligence des cartes. [de l'] Atlas Linguistique de la France* (1902), que Gilliéron amplia a metáfora da fotografia a nível de uma alegoria que descreve todos os passos do trabalho, desde o registro oral até a cartografia. É possível acompanhar a alegoria passo a passo.

Não é o próprio Gilliéron quem fotografa, pois ele teme, em virtude de sua experiência e seus interesses linguísticos, influenciar os registros de fala como um filtro.³⁰ Ele encarregou Edmond Edmont como o único entrevistador da pesquisa, para assim poder registrar “*la vérité de l'aspect normal des patois*” uniformemente e sem ser influenciado pelos enfoques já definidos pela linguística. Edmont trabalha como vendedor, mas já havia escrito um dicionário de dialeto e tem experiência com fotografia. Ele possui um sentido auditivo apurado, uma boa visão e será treinado em transcrição fonética – ele terá em mãos um bom rolo de filme para imprimir os reflexos de luz, aliás, de som, que forem percebidos. Para impedir que Edmont desenvolvesse qualquer interesse através da habituação a regras regionais e com isso filtrasse suas impressões, ele deveria correr pela

²⁹ A fotografia digital moderna convida formalmente a isso.

³⁰ Ele é assolado por escrúpulos ainda mais firmes do que William Labov, que relaciona o paradoxo do observador apenas ao momento da coleta de dados; Gilliéron, por outro lado, relaciona-o também às fases anteriores e posteriores de seleção das perguntas e avaliação das respostas respectivamente. Essa preocupação com a correta seleção de dados perdura na geolinguística atual, quando tenciona deixar a representação dos mapas aos cuidados do usuário (v. seção 4).

França em zigue-zague. Em apenas quatro anos, ele visita 639 pontos. Em cada localidade, a objetividade é mantida através da aplicação das mesmas perguntas em francês. Os informantes têm de traduzi-las o mais rápido possível, enquanto o entrevistador transcreve celeremente. Sobre os aspectos materiais dos símbolos da transcrição, Gilliérion exige: “[les] sons que nous voulions saisis en »instantanés«” (1902, p. 7). Para o conteúdo e as relações sintáticas, o que vale é: “*Les réponses [...] représentent toujours l’inspiration, l’expression première de l’interrogé, une traduction de premier jet*” (1902, p. 7). Autocorreções não são desejadas e perguntas por parte dos informantes não foram previstas. Quando, no entanto, ocorreram, foram devidamente sinalizados no mapa.

Tanto para a comunidade francófona quanto para Gilliérion “*instantané*” tem dois sentidos: de um lado, o *snapshot*, um registro muito rápido, e o contrário, de “*pose*” ‘posar’. Ao informante é garantida “*la plus grande liberté*”, sua “*franc parler*”, ou seja, deve ficar à vontade para falar de forma livre e sincera. Contudo, ele não deve ter tempo para, servindo-se das formas supostamente mais dignas da língua comum, representada pela “*langage de Paris*”, ‘posar’ para a entrevista. Tampouco o entrevistador deve forçar o informante, por meio de “*formes extorquées*” (formas de extorsão), a assumir uma determinada pose.

Além da foto momentânea, é preciso considerar uma outra preocupação principal de Gilliérion, que é o perigo do “*retouche*” (retoque).³¹

Il fallait [...] briser avec l’errement [...] consistant à soumettre, plus ou moins sciemment, à des retouches le cliché phonétique de la perception première (GILLIÉRON, 1902, p. 8).

A proibição dos “*retouche*” perpassa todas as etapas do trabalho. Gilliérion define, assim, que o informante não deve repetir sua primeira resposta a fim de corrigi-la. A proibição vale, sobretudo, para o entrevistador. Esse não deve, através da sugestão, induzir a retoques. Ele deve imediatamente transcrever suas impressões e, logo depois de fechar o questionário da localidade, enviá-lo para a central. Lá, o filme chega, de certa maneira, já revelado, e o próprio Gilliérion recusa-se a fazer qualquer *retouche*, “*alors que cent formes eussent pu nous guider dans la correction*” (1902, p. 9).

Nos cartes peuvent contenir des fautes, nombreuses peut-être, mais elles ne contiennent aucune faute qui soit imputable à une révision critique des matériaux: et c’est là une garantie que nous voulions, et devions donner [...] (GILLIÉRON, 1902, p. 9.)

Ainda se valendo da metáfora: Gilliérion cola os registros momentâneos já revelados sobre grandes páginas de um álbum de fotografias no lugar dos respectivos pontos de

³¹ A advertência contra os perigos do *retouche* é de tal forma importante para Gilliérion, que ele a repete três vezes em sua breve *Notice* (uma vez na p. 7, duas vezes na p. 8).

coleta. Os mapas do ALF voltam-se para a análise de pontos. Cada entrada se coloca a exigência de ser um “*instantané sans retouches*”.

Os procedimentos de Gilliéron, ao menos sua pretensão ao rigor metodológico, vão muito além da primeira fase da geolinguística, chegando até o momento presente. Se analisamos o “*instantané sans retouches*” e o tipo de mapas do ALF com mais atenção, tiramos daí uma sucessão de consequências sérias. Mesmo quando, nos dias de hoje, imaginamos o mapa como uma foto de satélite e, com isso, reduzimos os quatro anos de levantamento de dados do ALF a um só momento, os mapas de Gilliéron representam ainda uma combinação de tantas figuras quantos são os pontos de coleta. A esse mapa falta qualquer equivalente de estrutura que corresponda aos rios, às montanhas, às zonas industriais, etc., como estamos acostumados a ver nas imagens de mapas tradicionais da superfície terrestre feitos por satélite. Nesse sentido, de maneira geral, não se trata de uma foto momentânea, se é compreendida, no todo, como **um** documento fotográfico legível. As estruturas desse conjunto são reveladas numa segunda etapa de trabalho, monográfica, em que são produzidos mapas de área ou mapas ponto-símbolo.³² A seguinte questão divide até hoje as opiniões: se os mapas devem oferecer um número considerável de tomadas reais detalhadas (considerando que o mapa não passa de um equivalente de páginas de um dicionário, dispostas lado a lado), ou se deve, como no caso dos mapas geofísicos, permitir reconhecer configurações para além de cada ponto ou localidade. O atlas linguístico do México, de J. M. Lope Blanchs (1991ss.) leva ao extremo o princípio da série de fotos/imagens, de Gilliéron. A decodificação das letras e das sequências numéricas, que em cada ponto é detalhada sob a forma de camadas de blocos de informações, torna impossível a comparação entre os pontos. O caminho contrário é aquele tomado pelo nosso atlas uruguaio, que coloca o reconhecimento da configuração local, supralocal, regional e nacional em primeiro lugar.

Do mesmo modo como a metáfora do “*instantané*” não se aplica a áreas grandes, pois os mapas do ALF não constituem uma foto legível em seu todo, assim também não funciona, a rigor, para um campo menor, que englobe o registro de uma forma linguística em particular. É sabido que a palavra, e até mesmo o som, é produzido em um movimento, constituído de uma série de momentos, que um único “*instantané*” não consegue captar. Ao que parece, Gilliéron não percebeu esse problema. Com “*instantané*” ele se refere apenas à rapidez do registro, não à perda de outros elementos através do registro (rápido). Seu método de registro momentâneo fixa fatos individuais e os isola. Tudo que é processual é excluído, mesmo que seu interesse de estudo – a saber, a apreensão de processos de mudança linguística –, implique descobrir e registrar o percurso do movimento (v. seção 4).

Em relação ao registro momentâneo de palavras isoladas, também a geolinguística moderna ainda está bem longe de ter resolvido, no levantamento de dados, o problema da representação do caráter processual de cada forma, valendo-se de um procedimento de

³² Esse trabalho de interpretação, para alguns exemplos conhecidos, foi realizado pelo próprio Gilliéron, como no caso de sua *Généalogie des mots désignant l'abeille d'après l'Atlas linguistique de la France* (1918).

transcrição seguro e elegante. Qualquer um que transcreve tem de admitir, em regra, que só é possível prestar atenção a um único segmento e somente para este se pode levar em conta as garantias citadas por Gilliéron, já que ele próprio proibiu a repetição da palavra. Essa proibição é hoje, até onde vejo, implícita ou explicitamente revogada.

A introdução de aparelhos de gravação e sonógrafos atenuou, de certo modo, o problema. Agora é possível ouvir as asserções dos falantes mais de uma vez³³, sem que o falante tenha que participar do processo. Em caso de dúvida, pode-se mostrar ao crítico o arquivo com o áudio ou o sonograma. Mas nós sabemos que, nos dois casos, a interpretação não cessa, apenas muda de foco. Como a interpretação sempre pede por “funções” e essas só podem ser reconhecidas através dos “processos de compreensão” (“Essa variante tem um significado?”), nenhum computador poderá nos substituir nessa tarefa.

A exigência de Gilliéron de que um mapa linguístico deveria conter registros simultâneos fidedignos foi propriamente cumprida no “atlas linguístico falante”, que Hans Goebel elaborou para o ladino-dolomita³⁴, e Giovanni Ruffino, para o siciliano.³⁵ No “atlas linguístico falante”, colocam-se, em um CD, amostras de fala como recortes icônicos de uma gravação em um ponto de pesquisa, acessáveis com o uso de um programa de computador. Mesmo com todo respeito por essa realização de um antigo desejo, não podemos esquecer o seguinte: esses documentos de áudio não podem substituir os mapas, e sim apenas complementá-los. É humanamente impossível identificar, a partir de uma série de impressões auditivas em sequência, configurações da variação – mesmo repetindo um a um cada áudio da variante. Isso se consegue apenas por meio da visualização. Nesse sentido, os atlas sonoros (*Tonatlas*) reforçam ainda mais o princípio gilliéroniano do isolamento ou particularização dos dados. Inclusive são até mesmo as gravações de fala autênticas e reproduzíveis verdadeiros “*instantanés*”, porém não estão livres de *retouches*. Através do recorte, com o qual uma única palavra é separada de seu contexto, ela sofre um *retouche* involuntário que refreia processos coarticulatórios e torna o restante incompreensível.

Por esse motivo, o ADDU privilegia amostras de áudio mais longas, o que, aliás, também reduz o tempo que se leva para fazer esses recortes.

Constitui uma tendência não propriamente nova, e sim simplesmente um reflexo da proposta de Gilliéron de oferecer materiais linguísticos autênticos, “*sans retouches*”, o pensamento corrente, observado na geolinguística contemporânea, de não oferecer mapas, mas sim um banco de dados com o qual cada usuário pode, ele próprio, elaborar seus mapas.³⁶ Com isso, o risco de fazer *retouches* na análise e tratamento dos dados se transfere

³³ Enquanto for possível manter a gravação – um problema ainda subestimado.

³⁴ Eu incluo o *Atlante linguistico della Ladinia Dolomitica* (ALD, GOEBL, 1998b) na primeira fase da geolinguística, devido a sua abordagem conservadora e sua ampliação apenas parcial da diatopia.

³⁵ *Atlante linguistico della Sicilia* (em elaboração). Uma amostra em CD foi apresentada em um colóquio em Palermo, em 1998.

³⁶ Cf. Sobrero (1985).

para o usuário. O perigo de não ter mais um atlas uniforme, sobre o qual se possa discutir a pesquisa, é grande. Sobretudo, perde-se a oportunidade de selecionar e reunir os dados linguísticos com base na maior experiência possível. Essa experiência é própria dos coletores e organizadores do projeto de atlas. É deles a responsabilidade pela transmissão desse conhecimento. O assim chamado atlas virtual deveria, portanto, ser apenas uma possibilidade adicional, mas não deter o monopólio.³⁷

Já o segundo grande atlas linguístico nacional, o AIS, reduz o rigor próprio de Gilliéron no que diz respeito aos registros momentâneos e aos *retouches*. É dada ao falante a oportunidade de se corrigir e de comentar o que disse. Também essas informações entram nos mapas como dados colocados à margem. Os entrevistadores geralmente trabalham em dupla, sendo, em parte, controlados pelo coordenador do projeto. O material é cuidadosamente selecionado e as formas faltantes complementadas a partir do contexto. No lugar do registro momentâneo, onde a objetividade, em casos extremos, é representada pelo acaso, surge a visão filológica e de conhecimento do mundo, que engloba também o motivo registrado. O objeto de estudo já não é mais o dialeto mais arcaico ou mais “puro”, mas sim o registro do que realmente é falado, no momento da pesquisa, naquele lugar, inclusive o que é influenciado pela língua comum (JABERG & JUD, 1928, p. 238-241). Aqui reside o ponto de partida para a ampliação do espectro de variedades que caracteriza a terceira fase da geolinguística.

4. Terceira Fase: Os atlas linguísticos pluridimensionais

No *Prólogo a la segunda edición* de seu atlas linguístico comentado sobre *El español en Puerto Rico* (Universidade de Porto Rico, 1966), Tomás Navarro Tomás distingue três áreas, nas quais se desenvolvem diversas tarefas que a geolinguística precisa resolver uma após a outra. Com isso, ele delimita a história da geolinguística, identificando o que já ocorreu e o que está prestes a se realizar. Ele próprio considera seu atlas como sendo da primeira fase, que corresponde, na nossa cronologia, à segunda fase, chamada por nós de geolinguística monodimensional, apenas diatópica. Outras duas fases sucedem essa primeira:

Sigue siendo [el presente estudio] en sustancia una mera representación geográfica de las diferencias observadas en el habla popular de Puerto Rico, como contribución, según indica su subtítulo, a la geografía lingüística hispanoamericana.

Está por realizar [em uma segunda fase, que corresponde à nossa terceira] el plan ideal que abarque el estudio del español de toda la

³⁷ Outra questão bem diferente é se o atlas deve ser impresso em papel ou salvo eletronicamente, sendo disponibilizado, por exemplo, em formato de CD.

isla en sus centros urbanos y en sus barrios campesinos y que señale sus distintos niveles entre ancianos, adultos y jóvenes, entre personas instruidas, semicultas e iletradas, y entre hombres y mujeres. [como fase/tarefa seguinte:] La fisionomía, las tendencias, la vitalidad o decadencia y la firmeza o inseguridad de la lengua hay que buscarlas en la entrelazada comunicación y convivencia de esos grupos sociales.

Na fase de complementação da dimensão de variação diatópica, conforme sugere Navarro Tomás, inseriu-se por ora uma parte da geolinguística atual, enquanto uma outra parte deu continuidade à tradição monodimensional, não tomando parte do impulso inovador.³⁸

Como acontece com muitas coisas na geolinguística, a ideia de um atlas pluridimensional já nasceu bem cedo e, em certa medida, foi implementada já na fase dos atlas monodimensionais.³⁹

Em concomitância com o programa intensivo dos atlas linguísticos monodimensionais, formulado por Gaston Paris⁴⁰ e concretizado parcialmente por Gilliéron, foi apresentado por Abbé Rousselot um programa contrastivo que pode ser denominado como pluridimensional-pontual.⁴¹ Os entrevistadores do futuro atlas linguístico francês deveriam ter, pelo menos em certos pontos de coleta, aprofundado a pesquisa:

Ils devraient non seulement étudier la surface, mais encore pousser, dans des endroits choisis, leurs sondage aussi profondément que possible.⁴²

Essa análise aprofundada certamente não se restringiu apenas à investigação do estrato de fala historicamente mais antigo que um dialeto encerra em si e que se costuma

³⁸ Como praticamente todos os atlas regionais franceses e quase todos os espanhóis. Em meu artigo *La géolinguistique romane à la fin du XX^e siècle* (no prelo), procurei apresentar uma visão geral da tipologia dos atlas pluridimensionais. Nesse artigo, é dada ênfase especialmente à participação dos atlas brasileiros e do Atlas Linguístico da Renânia Central (*Mittelrheinischer Sprachatlas*), de G. Bellmann, na modernização da geolinguística.

³⁹ Como no renomado “*relevés doublés*” do AIS que, em algumas cidades do norte da Itália, entrevista também falantes da classe média, adicionalmente aos informantes da classe baixa, inserindo os resultados em mapas específicos.

⁴⁰ “Il faudrait que chaque commune, d’un côté, chaque son, chaque forme, chaque mot de l’autre, eût sa monographie purement descriptive, faite de première main, et tracée avec toute la rigueur d’observation qu’exigent les sciences naturelles” (PARIS, 1888, p. 168).

⁴¹ Rousselot apenas insinua isso, embora com bastante clareza, mas não chega a formulá-lo.

⁴² Discussão de Wenker (1881), na *Revue des patois gallo-romans* (ROUSSELOT, 1888, p. 152 *apud* POP, 1950, p. 115).

chamar de *Dialekttiefe* (com grau de dialetalidade máximo).⁴³ Desde 1879, Rousselot pesquisou o dialeto (*patois*) de sua terra natal, comprovando que, nem mesmo no interior de uma família (no caso, a sua própria), os membros de gerações e sexo distintos falavam do mesmo modo (ROUSSELOT, 1891).

“Fazer análises aprofundadas” significa também: através das gerações e da fala de homens e mulheres. Em sua *Introdução aos estudos dos dialetos* (1887, p. 20, sem tradução para o português), Rousselot alerta que várias vezes há duas variedades de dialetos em um mesmo ponto, “*celui du peuple et celui des messieurs*”. Essas variedades (diatráticas) não devem ser confundidas umas com as outras, mas igualmente investigadas.

Uma década antes de Gilliéron iniciar os levantamentos para o ALF, não apenas se reconhece o que hoje chamamos de “variável” ou “dimensões da variação” e que, ao lado da diatopia, denominamos como *diatrática*, *diageracional*, *diassexual*, ou algo próximo, como também isso se torna o objeto de estudo da dialetologia. Na geolinguística, essa alternativa pluridimensional, que Gilliéron certamente conhecia, permaneceu intocada por gerações. Desconsiderando a própria tradição, foi necessário o impulso da sociolinguística para que a geolinguística monodimensional se tornasse pluridimensional.

Atualmente, já há diversos projetos de atlas pluridimensionais, que se encontram em diferentes estágios de desenvolvimento. Entre os mais ambiciosos, modéstia à parte, está nosso atlas uruguaio.⁴⁴ O *Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay* (ADDU) considera, ao lado da dimensão diatópica, que é dividida em “topostática” (comportamento linguístico dos grupos com relativa estabilidade no local de residência) e “topodinâmica” (informantes com recente troca de local de residência), ainda as seguintes variáveis ou dimensões: a diatrática (dois grupos sócio-culturais distintos), a diageracional (dois grupos etários), a diassexual (os dois sexos biológico-sociais), a diafásica (os três estilos – de leitura, resposta às perguntas do questionário, conversa livre e semidirigida), a diarreferencial (contraste entre respostas e comentários dos informantes) e também a dimensão dialingual (contraste e influência entre o espanhol e o português). As contribuições desse programa podem ser conferidas pelo leitor nos dois primeiros fascículos já publicados (THUN et al., 2000a & b).

O objetivo do ADDU é, em todo caso, ampliar o espaço de variedades, levando expressamente em consideração as consequências dos contatos intra- e interlinguísticos. A língua *standard* é incluída, até onde for de conhecimento do falante.

No interior do espaço de variedades, há um interesse especial pelos processos de movimento da difusão de inovações linguísticas (e em parte também etnográficas), ou seja, a mudança linguística. Assim, o ADDU tenta corrigir uma inconsequência metodológica que surge quando se compara as intenções de Gilliéron com as suas realizações.

⁴³ N.T. e Rev.: Trata-se de um termo recorrente na dialetologia alemã, que remete à noção do dialeto-base, com maior grau de dialetalidade. Literalmente, significa “profundidade dialetal”.

⁴⁴ Seguindo as pegadas de um atlas paraguaio, o *Atlas Lingüístico Guaraní-Románico*, sob a coordenação de W. Dietrich (Münster), A. Aquino (Assunção) e minha própria. THUN & AQUINO (1999, p. 53-66) discutem os objetivos desse atlas.

Gilliéron instituiu, além de três tarefas documentárias – quais sejam: 1) por meio de seu registro, preservar, para as gerações futuras, dialetos ou formas dialetais ameaçados de desaparecer; 2) oferecer à linguística material de pesquisa realmente comparável; 3) oferecer material autêntico – outros três objetivos para a geolinguística, já de ordem interpretativa, que englobam processos de movimento: 4) apresentar uma base sólida para a história linguística da França; 5) tornar o “fermento da matéria da língua” visível não apenas *on soi* ‘em si mesmo’ (substância), mas também *on fonction* ‘em função’ (portanto, dinamicamente); 6) indicar a extensão da zona de difusão de fenômenos linguísticos (“*le procès-verbal des conditions où ces aires meurent ou naissent, se dilatent ou se contractent*” (GILLIÉRON, 1902, p. 4-6).

O ALF, por colocar os fatos de maneira isolada nos mapas, não representa ali o movimento. Isso só aparece – limitando-se à diatopia – nos mapas complementares que envolvem áreas e nas interpretações monográficas.⁴⁵

O ADDU, ao contrário, procura deixar a trajetória da difusão de fatos linguísticos visível no atlas. Ele mostra, por exemplo, como o assim chamado *leísmo* se propaga na superfície nos respectivos grupos e em estilos. A isso soma-se a compilação de mapas específicos em séries temáticas organizadas hierarquicamente⁴⁶ e brevemente comentadas. As “formas reais” transcritas aparecem reunidas em mostruários (*muestrarios*) que acompanham a publicação dos mapas e especialmente em volumes suplementares, que contêm listas de formas.

O ADDU se inspira em uma metáfora da fotografia que também estava à disposição de Gilliéron, mas que ele não utilizou. Em jogo está uma fotografia do movimento, possível através de sequências de registros momentâneos. Ela foi desenvolvida em Paris por um contemporâneo de Gilliéron, Etienne-Jules Marey (1830-1904). Sua “*chronophotographie*” tinha por objetivo:

Réunir sur une même photographie une série d’images successives représentant les différentes positions qu’un être vivant occupe pendant un mouvement de locomotion (MAREY, 1984 – edição esgotada).

Assim como ao seu colega Eadward Muybridge⁴⁷, na Inglaterra, e ao físico Ernst Mach, na Áustria, os diferentes modos de andar dos cavalos fascinavam a este fotógrafo do movimento. O ADDU procede de maneira bem análoga. Especialmente à descrição da variação diafásica, a metáfora cronofotográfica se presta bem. Através do estímulo da leitura, das respostas e das conversas, o ADDU registra os informantes em três modos de falar (“caminhar”) distintos.

⁴⁵ Cf. observação na nota 40.

⁴⁶ Ou seja, organizado de acordo com sua comprovada relevância.

⁴⁷ De Muybridge, o ADDU adota o princípio da apresentação dos diferentes momentos de movimento em imagens (ou melhor, mapas) **distintos**.

Através da geolinguística pluridimensional, a sociolinguística, como a de William Labov, não é simplesmente integrada, mas também ampliada. Pois, enquanto a sociolinguística procura diferentes variáveis em um ponto (ou em apenas alguns poucos pontos)⁴⁸ e não vai além disso, a geolinguística pluridimensional vai ainda um passo adiante, na medida em que projeta no espaço, isto é, **rerealiza** o comportamento linguístico expresso por cada variável sociolinguística e, então, compara os mapas isoladamente. Com isso, leva-se em conta a suposição de que todo fenômeno linguístico, em cada grupo de falantes e em cada estilo, pode ter uma difusão própria no espaço. Uma segunda diferença é quantitativa. Enquanto estudos sociolinguísticos se restringem normalmente a poucos fatos, especialmente fônicos, cuja variação é relacionada a variáveis de regras de variação condicionadas pelo falante ou pela situação, a geolinguística pluridimensional busca preservar a tradicional riqueza de dados. Nesse contexto, a geolinguística pluridimensional, que evidentemente coleta dados massivos numa área relativamente grande, reconhece a supremacia do trabalho de precisão da sociolinguística nas análises monográficas pontuais. A geolinguística, no entanto, está em condições de oferecer à sociolinguística hipóteses que precisam ser comprovadas através de análises aprofundadas. Em função desse serviço de assistência, o título do volume que acompanha o AIS recebeu um novo significado: *Der Sprachatlas als Forschungsinstrument* ('o atlas linguístico como instrumento de pesquisa').

A partir da sociolinguística, a geolinguística moderna – e, em princípio, também a monodimensional – pôde aguçar a consciência da representatividade de seus dados, que pode ser ampliada por meio de entrevistas de grupo. A experiência nos levantamentos de dados para o ADDU tem mostrado que, através da pluralidade simultânea de informantes, é possível obter dados consideravelmente mais seguros.

5. Quarta fase: O Atlas Linguístico das Redes de Comunicação

Enquanto a geolinguística, ao menos em parte, decidiu entrar de forma decisiva na fase da pluridimensionalidade, falta para a quarta fase ainda um método aplicável. O trabalho mais fácil é determinar a “*firmeza o inseguridad*” dos fatos linguísticos. Nessa tarefa, podem auxiliar, no caso de grandes *corpora*, cálculos quantitativos ou ainda o método de sugerência adotado pelo *Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay*, que tem sua origem, como já vimos, nos questionários etnográficos. Esse método foi sistematizado, na geolinguística, por X. Ravier (1965, p. 262-274) sob o termo “*données négatives*”. Depois de estimular pacientemente a resposta espontânea, são sugeridas formas não mencionadas, porém conhecidas em localidades vizinhas ou por determinados grupos, sendo as respostas afirmativas ou negativas registradas juntamente com os comentários. Essa forma de “perguntar por algo mais” corresponde melhor à estrutura de rede da

⁴⁸ Sem considerar os espaços intermediários, ou seja, não abrangendo a área total.

memória humana do que evocar exclusivamente a primeira resposta espontânea. As respostas, espontâneas ou repetidas, informam sobre formas linguísticas disponíveis de maneira ativa ou passiva, sendo que as últimas podem ser precursoras de uma inovação ou lembrança de uma forma conservadora em desaparecimento.

Bem mais difícil é abranger a “*entrelazada comunicación y convivencia*” de cada grupo. A sociolinguística oferece pouca orientação nesse sentido. W. Labov fundamentalmente isola os diversos falantes e os reúne em novos grupos, conforme suas características sociais e preferências linguísticas. Nesse processo, escapam-lhe os reais grupos de interação. L. Milroy (1987) pesquisa, como participante integrante da comunicação e como observadora participante, exatamente esses aspectos. Sua tipologia rigorosa das posições na rede de relações sociais foi desenvolvida apenas para as relações dentro de um grupo relativamente pequeno, que além disso é bem fechado. Por sua vez, Navarro Tomás não quis se referir a sua “*entrelazada comunicación*” como sendo de relações comunicativas intra- e sim intergrupais. Por exemplo, como se comunica um membro da classe alta com alguém da classe baixa? Assim são suas perguntas. Seu programa futurista orienta-se, em última análise, para a identificação de registros estilísticos que ocorrem no contato entre representantes de diferentes grupos presentes no espaço de uso das variedades. Trata-se, com certeza, de um método bastante significativo para determinar a linha de difusão vertical ou diagonal-horizontal das mudanças linguísticas. Faz parte das futuras tarefas da geolinguística, desenvolver métodos de análise que sejam suficientemente precisos, sem que sejam complicados demais para o levantamento de grandes massas de dados com escolha de itens.

No projeto ADDU, busca-se, em âmbito bem mais modesto, identificar **possíveis** redes de comunicação. Procurá-las faz-se necessário sempre que o atlas linguístico apresenta uma distribuição clara de determinados fenômenos, como, por exemplo, formas específicas de um grupo em um ponto de coleta ou de um ponto em uma área homogênea de outro tipo. O ADDU é composto ainda por um atlas demográfico, para o qual já existem mapas, que permite a comparação de dados linguísticos com indicações da mobilidade horizontal dos falantes. Pressupõe-se, nesse caso, que o movimento das pessoas no espaço geofísico, de suas redes de comunicação habituais em direção a outros grupos, leva a relações comunicativas que originam novas redes de comunicação. Em comparação com outros atlas linguísticos, é feita a tentativa de sistematizar e sintetizar a informação demográfica que, na melhor das hipóteses, é dada como resultado parcial na descrição dos informantes. A comparação de dados linguísticos com não-linguísticos, para explicar determinadas arealidades, não é, de forma alguma, uma novidade. Vale mencionar as tentativas feitas no passado de correlacionar áreas linguísticas com rotas migratórias e vias de comunicação, ou ainda limites que coincidissem com a ocupação de populações originais ou domínios de administração da igreja (como por exemplo, as dioceses). Mais recentemente, o grupo de trabalho em torno de Luca Cavalli Sforza tem relacionado dados genéticos e culturais para fundamentar, numa perspectiva macroscópica, a origem e

difusão de grupos humanos e de técnicas culturais.⁴⁹ Contudo, os dados linguísticos utilizados pelos geneticistas nem sempre são os mais seguros. Além disso, ainda não foi comprovado se é possível reduzir a perspectiva de longo prazo, exigida pela genética, a períodos de tempo mais curtos – que é o que nos interessa – sem perder em força explanatória. Recentemente, H. Goebel aplicou o método no nordeste da Itália e constatou uma surpreendente estabilidade dos grupos dialetais, genéticos em comparação com os grupos originais desde os tempos pré-romanos até os dias de hoje (GOEBL, 1998a). Contudo, o próprio Goebel relaciona dados bastante incoerentes, que não foram levantados nem ao mesmo tempo nem nos mesmos grupos. O ADDU, pelo contrário, emprega dados homogêneos. A informação demográfica provém dos mesmos falantes que oferecem os dados linguísticos. Os mapas elaborados traçam uma estrutura surpreendentemente uniforme da mobilidade dos falantes conforme seu local de origem, mudança por questões de trabalho ou de turismo, assim como a origem do cônjuge. O atlas demográfico serve para auxiliar na interpretação do mapa. Se a rede de comunicação por ele sugerida realmente existe, precisaria ser confirmado por amostras de controle – como isso deveria ser feito, ainda permanece em aberto.

6. Conclusão

O que com certeza permanece do velho, na história da geolinguística, é o mapa. Para que seja legível, precisa ser o resultado de uma escolha a partir dos dados coletados e possíveis. Quanto mais completo ele for, mais rápido corre o risco de se tornar inútil. Poderia acontecer, neste caso, como ao mapa mencionado por Borges em *El Hacedor*, que ele retrate todo um reino em escala 1:1 e seja abandonado à degradação pelas gerações seguintes por ser inútil. O novo na geolinguística move-se no contexto de uma escolha bem fundamentada. Essa é sempre um *retouche* ‘retoque’. Contudo, essa escolha precisa deixar reconhecível o original, para que outros *retouches* sejam possíveis.

Bibliografia

ADELUNG, Johann Christoph. *Mithridates oder allgemeine Sprachenkunde mit dem Vater Unser als Sprachprobe in bey nahe fünfhundert Sprachen und Mundarten*. Erster Theil. Berlin: Vossische Buchhandlung, 1806.

ALINEI, Mario. *Atlas Linguarum Europae*. Assen, Maastricht: Van Gorcum, 1983.

BENFEY, Theodor. *Geschichte der Sprachwissenschaft und orientalischen Philologie in Deutschland seit dem Anfange des 19. Jahrhunderts mit einem Rückblick auf die früheren*

⁴⁹ Cavalli-Sforza; Menozzi; Piazza (1994); Cavalli-Sforza (1996).

Zeiten. München: Cotta. (Geschichte der Wissenschaften in Deutschland. Neuere Zeit. 8.), 1869.

BIELENSTEIN, Johann Gottfried August. Atlas der ethnologischen Geographie des heutigen und des prähistorischen Lettenlandes. Sankt Petersburg, 1892.

BRUNET, Ferdinand. *Histoire de la langue française*. T. 9,1. Paris: Colin, 1967.

CAVALLI-SFORZA, Luigi Luca. *Gênes. Peuples, Langues*. Paris: Jacob, 1996.

CAVALLI-SFORZA, Luigi Luca; MENOZZI, Paolo; PIAZZA, Alberto. *The History and Geography of Human Genes*. Princeton/NJ: University Press, 1994.

COSERIU, Eugenio. "La geografía lingüística". *El hombre y su lenguaje*. Madrid: Gredos, 1977, p. 103-158.

FERNOW, Carl Ludwig. "Über die Mundarten der italienischen Sprache". *Ders., Römische Studien. Dritter Theil*. Zürich: Gessner, 1808, p. 211-245.

FIRMENICH, Johannes Matthias. *Germaniens Völkerstimmen, Sammlung der deutschen Mundane Märchen, Volksliedern usw*, v. 2. Berlin: Schlesinger, 1846-54.

FURLONG CARDIFF, P. Guillermo S. J. *Cartografía Jesuítica del Río de la Plata*. Buenos Aires: Pensar, 1936.

GECKELER, Horst. "Britannien zwischen 'Romania perduta' und 'Romania nuova'" *An den Rändern der Romania*. Wolf Dietrich, Harald Thun (eds.). Kiel: Westensee-Verlag.

VANGENNEP, Arnold. *Manuel de folklore français contemporain. Tome III: Questionnaires – Provinces et pays. Bibliographie méthodique*. Paris: Laffont. [Reimpressão da edição de 1937], 1998.

GILLIÉRON, Jules. *Petit Atlas phonétique du Valais roman* (sud du Rhône). Paris: Champion, 1880.

_____. *Notice servant à l'intelligence des cartes. [de l'] Atlas Linguistique de la France*. Paris: Champion, 1902.

_____. *Généalogie des mots désignant l'abeille d'après l'Atlas linguistique de la France*. Paris: Champion, 1918.

GILLIÉRON, Jules; EDMONT, Edmond. *Atlas Linguistique de la France*. Paris: Champion, 1902-10.

GOEBL, Hans. “La structuration spatiale de l’Italie du Nord du point de vue de la géolinguistique et de la géo-génétique. Essai de rapproche interdisciplinaire”. *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*. Giovanni Ruffino (ed.), v. 5. Tübingen: Niemeyer, 1998a, p. 367-387.

_____. *Atlante linguistico della ladino dolomitico e dei dialetti limitrofi* (ALD), v. 4. Wiesbaden: Reichert, 1998b.

HERVAS Y PANDURO, Lorenzo. *Idea dell’Universo che contiene la storia della vita dell’uomo, elementi cosmografici. Viaggio estatico al mondo planetario e storia della terra, e delle lingue*. Cesena: per Gregorio Biasini all’Insegna di Pallade. (Opera dell’Abbate Don Lorenzo Hervas. 17.), 1784.

_____. “Trattato dell’Origine, formazione, meccanismo ed armonia degli idiomi”. *Idea dell’Universo che contiene la storia della vita dell’uomo, elementi cosmografici. Viaggio estatico al mondo planetario e storia della terra, e delle lingue*. Cesena: per Gregorio Biasini all’Insegna di Pallade. (Opera dell’Abbate Don Lorenzo Hervas. 18.), 1785, p. 9-180.

JABERG, Karl; JUD, Jacob. *Der Sprachatlas als Forschungsinstrument. Kritische Grundlegung und Einführung in den Sprach- und Sachatlas Italiens und der Südschweiz*. Halle a. d. Saale: Niemeyer, 1928.

_____. *Sprach- und Sachatlas Italiens und der Südschweiz*. 8 volumes em 12 partes. Zofingen: Ringier, 1928/40.

KLAPROTH, Heinrich Julius von. *Asia Polyglotta*. Paris: Schubart, 1823.

KÖRBER, Hans-Günther. *Vom Wetteraberglauben zur Wetterforschung*. Innsbruck, Frankfurt a. M.: Pinguin, 1987.

LABOV, William. *The study of language in its social context*. The Hague, Paris: Mouton, 1971.

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. *Opera Omnia, Nunc primum collecta, in Classes distributa, praefationibus & indicibus exornata*, studio Ludovici Dutens. Tomus sextus, in duas Partes distributus, quarum Continet Philologicorum continuationem. Genevae, apud Fratres de Tournes, 1786a.

_____. “[Leibniz an Ludolf; s.d.]”. *Leibniz* (1768a, p. 87-91), 1786b.

_____. “Leibnitia sive Meditationes, Observationes et Crises variae Leibnitianae. Gallico Latino sermone expressae”. *Leibniz* (1768a, p. 294-334), 1768c.

LOPES BLANCH, Juan Manuel. *Atlas lingüístico de México*. Ciudad de México: Colegio de Mexico; Fondo de Cultura Económica, 1991.

MAREY, Étienne-Jules. *Chronophotographie. Introduction, documentation et notices par M. Frizot*. Paris, 1984.

MILROY, Lesley. *Language and Social Networks*. 2. ed. Oxford: Basil Blackwell. [1980], 1987.

MONNIER, Désiré. "Vocabulaire rustique et populaire du Jura". *Mémoires de l'Académie celte*. 5, 1823.

NAVARRO TOMÁS, Tomás. *Atlas Lingüístico de la Peninsula Ibérica*. Madrid: C.S.I.C. Paris, Gaston, 1962.

_____. "Les parlers de France". *Revue des patois gallo-romans*. 2, 1888, p. 161-175.

POP, Sever. *La Dialectologie. Aperçu historique et méthodes d'enquêtes linguistiques*. Louvain, Gembloux: Publications Universitaires de Louvain, 1950.

RAVIER, Xavier. "Le traitement des données négatives dans l'Atlas linguistique et ethnographique de la Gascogne". *RLiR*. 29, 1965, p. 262-274.

RICHARDSON, Lewis Fry. *Weather Prediction by Numerical Process*. Cambridge: University Press, 1822.

RONA, Jose Pedro. *El Dialecto "Fronterizo" del Norte del Uruguay*. Montevideo: Adolfo Linardi, 1959/65.

ROQUES, Mario Louis. *Bibliographie des travaux de Jules Gilliéron*. Paris: Droz, 1930, p. 3-13. [apud SEBEOK, 1966].

ROUSSELOT, Jean. "Introduction à l'étude des patois". *Revue des patois gallo-romans*. 1, 1887, p. 1-22.

_____. [Resenha de Wenker (1881)]. *Revue des patois gallo-romans*. 2, 1888, p. 152-155. [apud POP, 1950].

_____. *Les modifications phonétiques du langage étudiées dans le palais d'une famille de Cellefrouin (Charente)*. Paris: Welter, 1891.

SCHMELLER, Johann Andreas. *Die Mundarten Bayerns grammatisch dargestellt*. München: Thienemann, 1821.

SCHWYZER, Eduard. *Griechische Grammatik*, v. 1. München: Beck, 1939.

SEBEOK, Thomas Albert. *Portraits of Linguists. A Biographical Source Book for the History of Western Linguistics 1746-1963*, v. 2. Bloomington, London: Indiana University Press, 1966.

SEGUY, Jean. *Atlas linguistique de la Gascogne. Complément du volume VI*. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, 1973.

SOBRERO, Alberto A. "Per una prima raccolta sistematica di dati sull'italiano parlato in Salento", *Gesprochenes Italienisch in Geschichte und Gegenwart*. Günter Holtus, Edgar Radtke (eds.). Tübingen: Narr, 1985, p. 77-85.

THUN, Harald. "Die Entstehung einer wissenschaftlichen Gattung. Die monographische Dialektübersicht bei Dante, Denina und Fernow". *Von Rom nach Weimar – Carl Ludwig Fernow*. M. Knoche, H. Tausch (eds.). Tübingen: Narr, 2000, p. 87-113.

_____. "La géolinguistique romane à la fin du XXe siècle". *[Akten des] XXI/a Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*, no prelo.

THUN, Harald; AQUINO, Almidio. "El Atlas Lingüístico Guaraní-Románico (ALGR). Un trabajo necesario para actualizar informaciones lingüísticas sobre el Guaraní y Español del Paraguay". *Cadernos de Tradução*, n. 5, 1999, p. 53-66.

THUN, Harald et al. *Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU)*. T. I: "Consonantismo y vocalismo del español. Fasc. A.I. /k/, <ll> y /j/, <y>". Kiel: Westensee-Verlag, 2000a.

_____. *Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay – Norte (ADDU-Norte)*. T. I: "Consonantismo y vocalismo del portugués. Fasc. A.I. Laterales y palatales del portugués uruguayo". Kiel: Westensee-Verlag, 2000b.

WENKER, Georg. *Sprachatlas von Nord- und Mitteldeutschland*. Strassburg: Trübner, 1881.

WILHELMY, Herbert. *Kartographie in Stichworten*. 4 Fasc. Kiel: Hirt, 1966.

WOLFF, Herbert. *Vierhundert Jahre MERCATOR. Vierhundert Jahre ATLAS*. »Die ganze Welt zwischen zwei Buchdeckeln. Eine Geschichte der Atlanten. H. Wolff (ed.). München: Konrad, 1995.